**Música, memória e cultura urbana: (re)existência e ressignificação através da Roda Cultural**

Guilherme Santos[[1]](#footnote-1)

**Resumo**

Este trabalho faz parte da dissertação de mestrado intitulada “Roda Cultural Batalha do Tanque, o que vocês querem ver? “Sangue”, orgulho e identidade” apresentada em 2018 pelo PPCult - UFF. O objetivo do texto é apresentar, a partir de uma Roda Cultural (Alves 2013) de São Gonçalo, conhecida nacionalmente como Batalha do Tanque, é capaz de se tornar uma das maiores Rodas Culturais do Brasil. As rodas são uma cultura marginal (Peçanha 2009) que tem uma história de criação. Muitas delas nascem a partir da falta de opções culturais voltadas para a juventude e, no caso da roda em questão, não foi diferente. A partir de entrevistas com figuras importantes da cena hip hop de São Gonçalo, pode se perceber que as memórias (Pollak 1992) referentes a Batalha do Tanque foram construídas através de narrativas que interferem nas identidades (Woodward 2009)  dos frequentadores e MCS e também no espaço - ou pedaço (Magnani 2003) - urbano que ela ocupa (Souza e Marfetan 2015). A Batalha do Tanque não tem uma biografia oficial, sendo assim, para este trabalho personagens importantes para a memória e construção identitária da batalha foram ouvidos para que fosse possível remontar a trajetória do evento. E essa memória é responsável pela formação, transformação e manutenção de uma identidade que apenas aqueles que vivenciam o Tanque têm. Além disso, existe outro fato que é de grande importância para a manutenção da batalha e sua memória: o evento ocorre - semanalmente - em uma praça que exalta os soldados gonçalenses que lutaram na Segunda Guerra Mundial e tem em sua extensão armamentos utilizados durante a guerra, entre eles um tanque de guerra tamanho original. A praça em si é um monumento histórico que é ressignificada por conta da Batalha do Tanque, que na reunião de jovens, fazem com que outras batalhas ocorram ali e sejam lembradas por aqueles que ali passam e se (re)encontram.

**Palavras-chave**

Memória, roda cultural, identidade, espaço público.

**O que é uma Batalha?**

Um dos espaços que absorve e divulga a cultura hip hop é a Roda Cultural, de maneira resumida, as rodas são manifestações que ocorrem em praças públicas e reúnem um grande número de pessoas, em sua maioria jovens, por diversos motivos e aspirações. Hoje existem aproximadamente 169 Rodas Culturais espalhadas por todo o estado do Rio de Janeiro[[2]](#footnote-2). Vemos nas Rodas Culturais diversas formas de resistência: através das rimas, das poesias, dos corpos dispostos num determinado espaço, quando reunidos pela arte são modos de combater as políticas que não favorecem a quem realmente necessita, a falta de apoio a juventude e a outras questões coletivas que afetam, de alguma forma, a singularidade de cada um. As Rodas Culturais ainda sofrem perseguição por parte da Polícia. As rodas lutaram por muito tempo contra a opressão da PMERJ e, em algumas regiões, contra a milícia.

Esta é a dialética da luta cultural. Na atualidade, essa luta é contínua e ocorre nas linhas complexas da resistência e da aceitação, da recusa e da capitulação, que transformam o campo da cultura em uma espécie de campo de batalha permanente, onde não se obtém vitórias definitivas, mas onde há sempre posições estratégicas a serem conquistadas. (HALL, 2003, p. 255)

É dentro desse "campo de batalha permanente" que a cultura hip hop tem de se reinventar. A maioria das Rodas Culturais espalhadas pelo Rio de Janeiro já sofreram repressão da Polícia Militar.

Por conta da perseguição, os produtores das Rodas Culturais tiveram de tomar uma postura mais profissional para que as Rodas sofram menos ataques opressores. Em 2017 o Deputado Estadual Marcelo Freixo lançou o Projeto de Lei 2.799/201721, sancionada em janeiro de 2018, que declara como Patrimônio Cultural de natureza imaterial do Estado do Rio de Janeiro a cultura Hip Hop e todas as suas manifestações artísticas, como breaking, grafite, rap,  MC e DJ.

Dentro dessa lei, uma das vitórias que vale aqui destacar é o segundo parágrafo do Art. 3o onde diz que "As Rodas Culturais estão dispensadas da prévia autorização da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro – PMERJ, da Polícia Civil do Estado do Rio de Janeiro – PCERJ e do Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Rio de Janeiro – CBMERJ, desde que não haja montagem de palcos, arquibancadas e camarotes.", sendo assim não é mais necessário o “Nada a Opor” em vista que a maioria das Rodas Culturais não utilizam palcos.

Uma Roda Cultural, seja onde for, é um movimento também de resistência. Muitas rodas sofreram ou ainda sofrem repressão policial, falta de amparo do poder público, preconceito daqueles que veem uma roda como uma reunião de "vagabundos e bandidos"; não enxergando assim toda a potencialidade de um movimento cultural urbano.

A resistência não é apenas do movimento cultural em si, mas também dos frequentadores que atravessam a cidade para poder fruir de um momento de lazer. Para moradores de favelas que têm uma roda cultural perto de suas casas, aquele movimento semanal se torna um ponto de resistência, onde o sujeito pode entender melhor quanto o seu direito à cidade, o direito de ir e vir e ressignificar os espaços que ele ocupa.

Isso tem que ser levado em conta. Aquela porra ali é uma praça feita em 1970, poxa, não é uma porra feita pra tipo exaltar os heróis da Segunda Guerra, exaltou o regime militar, caralho... Tem um Tanque no meio! Muito louco que você pega uma parada de exaltação ao regime militar e você ressignifica a parada, tá ligado? E aí é a linguagem dos jovens, os moleques pretos que descem do morro e ficam lá e, porra meu irmão, e acham seu espaço na internet, seu lugar de fala na sociedade no espaço público. Olha que loucura! (REVOLUÇÃO, 2017, entrevista pessoal)[[3]](#footnote-3)

A Roda Cultural Batalha do Tanque, logo em seu início, também passou por um processo difícil frente ao poder público. Segundo Klauder Gonzaga, também conhecido como MC Revolução ou Logri, primeiro ganhador da Batalha do Tanque, a Batalha teve, antes das eleições de 2012, um diálogo amistoso com alguns políticos que desejavam chegar ao poder em São Gonçalo. No ano da eleição os políticos que iniciaram uma conversa com os organizadores da roda não conseguiram vitória e algumas das pessoas "mudaram de lado" como disse Klauder, com isso abandonaram a roda.

Com isso, a truculência da polícia foi tão grande – tamanha a ânsia para que aquela manifestação não ocorresse - que uma vez chegaram a quebrar o som que era utilizado nas batalhas. O modo de resistir e lutar contra a repressão e o jogo de interesses políticos que a Batalha do Tanque se viu no meio foi a de continuar a realizar os eventos e paralelamente se aproximar de questões burocráticas para que a roda continuasse a existir. Houveram diversas edições da "Roda da Resistência" (que ocorreram por conta de impedimento da polícia) e logo teve também uma Roda da Pré-Bienal da UNE (Edição 147 da Batalha do Tanque) onde, além de batalhas e outras expressões artísticas, houve também um debate sobre questões pertinentes ao movimento cultural e estudantil.

Foi com muita persistência que em 23 de fevereiro de 2015, por intermédio de Luã Gordo e, na época o Secretário de Cultura, Michel Portual, a Roda Cultural Batalha do Tanque conseguiu chegar à secretaria de cultura e obteve um alvará para que continuasse existindo sem interrupções da força policial.

**Praça dos Ex-Combatentes, uma praça de Guerra**

A Praça dos Ex-Combatentes está localizada na Rua Doutor Francisco Portela, uma das artérias de São Gonçalo. A praça está localizada em frente à Faculdade de Formação de Professores da UERJ, a FFP. Para saber mais sobre a praça e sua história, recorri aos arquivos do Jornal O São Gonçalo. Encontrei uma nota sobre a data de inauguração, com o título "Praça do Ex-Combatente será inaugurada no próximo dia 24", no jornal do dia 10 de outubro de 1970.

A inauguração da Praça do Ex-Combatente no bairro do Patronato, que estava prevista para hoje, foi adiada para o próximo dia 24, tendo em vista a resposta de algumas autoridades ao convite do prefeito José Alves Barboza, de que aqui não poderiam estar hoje, por terem assumido outros compromissos. A municipalidade manteve a solenidade de inauguração da Praça da Covanca, no bairro do mesmo nome, prevista para as 18 horas, quando estarão várias autoridades participando do ato presidido pelo Chefe do Executivo e que contará com a presença de populares (...) A Praça do Ex- Combatente, que está na fase de arremate no Patronato, também foi iniciada pelo senhor Osmar Leitão Rosa, atendendo a apelo dos ex-pracinhas gonçalenses através da sua associação de classe, visando a prestar a homenagem da cidade aos que, defendendo os ideais democráticos, lutaram nos campos da Itália durante a Segunda Grande Guerra. (O SÃO GONÇALO, 1970, p.1)

A praça foi construída durante a ditadura militar, quando, em 1969, a Junta Militar escolhe o general Emílio Garrastazu Medici como presidente. Dentro desse contexto político, a praça não foi construída apenas para homenagear os gonçalenses que lutaram na guerra, pode ter sido também uma demonstração de controle e força. O prefeito da cidade era Joaquim de Almeida Lavoura, que defendia o militarismo. A praça é composta por um obelisco, um mastro central para quatro bandeiras, mapa do Brasil e Brasões oficiais, um tanque de guerra, uma hélice, munições de guerra e um monumento aos soldados mortos que contém a mensagem, onde por conta do xarpi, passa desapercebida: “Aos que em holocausto à Pátria, tiveram como túmulo às águas do atlântico ou a terra fria da Itália. A morredoura gratidão e imperecível saudade dos que ficaram”. Três anos depois da inauguração da praça, a FFP foi construída de frente para praça. Uma curiosidade sobre a localização da faculdade frente à praça é que a maioria das armas expostas estão direcionadas para a universidade.

O monumento mais imponente e marcante da praça é aquilo que dá o nome à mesma: o Tanque. Uma parte do armamento do Tanque fica apontado para o início da praça enquanto o canhão principal é direcionado à Faculdade de Formação de Professores (FFP-UERJ) e assim, ao lado, se encontra o memorial aos soldados mortos com mastro para quatro bandeiras

No canteiro seguinte acontecem as batalhas. O pequeno espaço serve de palco e são colocadas as caixas de som. O local é de livre acesso para todos que frequentam aquele espaço público, sendo que as pessoas que costumam ficar mais próximas ao local - em cima do canteiro - são os MCs e as pessoas que têm contato com os mesmos (isso se dá enquanto as batalhas ainda não estão acontecendo, pois logo que começam as batalhas, o público em geral também ocupa aquele espaço). O espaço, que por conta da movimentação tem pouca grama, funciona como um “camarim” para os MCs e seus amigos confraternizarem, aguardarem pela batalha. É o local de maior visibilidade da praça. Vejo como o único local da praça – um ambiente público – que tem capacidade de ser adaptado a um local com comportamento próximo ao de um espaço privado, mesmo que continue sendo público. Os bancos de concreto dispostos em frente a esse local, em dias de maior movimento na batalha, são utilizados como arquibancada. Justamente nesse espaço, entre muitos xarpis que estão expostos naquele local, existe um que, mesmo apagado, me leva a pensar como aquela manifestação pode ser percebida por pessoas que a observam a partir do senso comum. Nesse xarpi está escrito "hospício lotado". Já no final da praça, ficam dispostos os morteiros que estão direcionados para a Favela da Jaqueira.

É nesse espaço público que acontece semanalmente a Batalha do Tanque. Um local onde a participação gonçalense na guerra é exaltada com a demonstração permanente de armas que foram construídas com o intuito de dizimar o inimigo. Durante as edições da batalha os objetos e o espaço são ressignificados, ganham novas finalidades e funções.

Arte pública pode funcionar como instrumento de cidadania cultural e política por incentivar a crítica social e dotar os espaços urbanos de novos sentidos. Sabendo-se que algumas áreas da cidade possuem maior carga simbólica que outras, teremos espaços públicos com níveis distintos de poder de visibilidade (SOUZA e MARFETAN, 2015, p. 1)

Às quartas, a partir das 19 horas, a batalha que é exaltada e praticada naquele local é outra. Mesmo sendo de “sangue”, todos de alguma forma são vencedores por conseguirem, através da arte, contrariar muitas vezes as estatísticas. Algumas pessoas chegam à praça superando suas dificuldades pessoais, porém no momento em que se inicia a manifestação cultural, as preocupações somem por algumas horas, pois o foco de vida se torna outro: a diversão, o reencontro e a sobrevivência numa “batalha de sangue”. Assim como na guerra essas armas foram utilizadas, as pessoas chegam armadas de diversas formas não bélicas, principalmente os MCs, que acabam carregando seu arsenal de rimas nas rodas de freestyle que se distribuem perto da âncora, onde acontecem as batalhas. No final, ninguém morre ao "sangrar" numa batalha, mas sim vivem após cada roda.

A ocupação semanal da praça pela batalha, além de reabitar e dar outra vida para aquele espaço, também acaba tornando-o outro, um outro local que ganha uma nova configuração através da ocupação. A praça deixa de ser formada apenas pelo que é inanimado e passa a respirar através do pulmão de cada um que se põe ali em conjunto.

Em dias de roda pode se perceber uma familiaridade dos frequentadores. Muitos caminham como se estivessem nas ruas de seus bairros: conhecem o espaço com uma precisão quase que inata. Mesmo não sendo uma praça larga, mas sim extensa, seus "caminhos" são definidos. Há convivência de diversos grupos que coparticipam e coexistem. Há grupos que se reúnem em dias de ocupação, mas não estão interessados no que acontece nas batalhas. Estão ali por conta de uma visão "instrumental" da praça. As possíveis experiências que podem ocorrer naquele lugar e as experiências que o local é capaz de proporcionar ao indivíduo iniciam um novo significado para o espaço. SOUZA e MARFETAN (2015, p. 6) encaram que "a experiência de lugar também pode ser coletiva e o espaço público, como um espaço de encontro, pode funcionar como um “lugar coletivo”. O espaço público acaba adquirindo outros significados, o mais comum é o de "casa". Posso usar como exemplo as conversas que tive com Jhon e Noventa, dois MCs que não são de São Gonçalo e disseram que ali se sentiam em casa, pois tinham sido bem recebidos:

Segundo Edward Relph, duas das características principais do lugar são o caráter de reunião e o sentido de lar. Ou seja, um lugar deve ser um espaço em que as pessoas se reúnem, se encontram e onde “as raízes são mais profundas e mais fortes, onde se conhece e se é conhecido pelos outros, o onde se pertence. (RELPH,2012:24 apud SOUZA e MARFETAN, 2015, p. 6)

Levando em consideração a se pensar na praça e tudo aquilo que pode ser desenvolvido nela, me apoiando em MAGNANI (2003), uma categoria que ajudará a pensar a relação do espaço com os atores que movimentam a praça é o "pedaço".

Por essa relação de estar, de se sentir em casa dita pelos jovens, a praça acaba se tornando um espaço fluído entre a casa e a rua. É neste lugar que podem encontrar uma ou mais pessoas que façam parte do seu "bonde", do seu círculo de contatos. Mesmo não se conhecendo, todos os jovens se reconhecem ali naquele espaço.

O "pedaço", porém, apontava para um terceiro domínio, intermediário entre a rua e a casa: enquanto esta última é o lugar da família, à qual têm acesso os parentes (ligados por laços já estabelecidos de antemão) e a rua é dos estranhos (onde, em momentos de tensão e ambiguidade, recorre-se à fórmula "você sabe com quem está falando?", para delimitar posições e marcar direitos), o pedaço é o lugar dos colegas, dos chegados. Aqui não é preciso nenhuma interpelação: todos sabem quem são, de onde vêm, do que gostam e do que se pode ou não fazer. (MAGNANI, 2003, p. 12)

E é dentro desse "pedaço" que ocorre a arte pública marginal, como define ANDRADE (2010, p. 51 apud SOUZA e MARFETAN, 2015, p. 8) já que é "ligada a grupos marginalizados, ou seja, uma arte marcada pela exclusão social. Ou seja, a arte também é influenciada pelas contradições de um sistema desigual." A intervenção que ocorre na praça cria conexões e interações entre frequentadores e espaço que vetam a ideia individualista. SANSÃO (2012) aponta a amabilidade urbana como atributo de um espaço amável, espaço que promove ou facilita o convívio. Assim sendo, a questão da amabilidade urbana no pedaço serve como apoio para falar da Praça dos Ex-Combatentes em dia de batalha. A intervenção da batalha, naquele espaço físico, transforma o que foi construído anteriormente, com um determinado propósito, em diversas intenções que não apenas os propósitos iniciais. E assim acabam aproximando as pessoas e sendo ressignificado a cada encontro que reorganiza o cotidiano; não apenas o cotidiano, mas também o uso que é dado para aquele pedaço.

**A história da “Maior” Batalha de MCs do Brasil**

A Batalha Do Tanque não tem uma história oficial escrita ou registrada. Os registros - que contam da batalha - são os vídeos que mostram apenas a disputa dos MCs em cada edição. Desde a fundação da batalha foram mais de 200 edições. O que é trazido pelas batalhas gravadas é apenas parte de uma enorme história, não apenas da história daquele movimento cultural, mas também do hip hop em São Gonçalo. Para contar a história de algo tão vivo, nada mais honesto do que deixar que as pessoas que fizeram e fazem parte de todo esse movimento a relatem.

Antes de descrever a história da Batalha do Tanque, acredito que primeiramente seja interessante levantar algumas ideias quanto à memória, pois em nenhum momento desenvolvi diálogos com robôs e sim com pessoas que podem falhar na sua retrospectiva. Para isso, revisitei o texto de Michael Pollak (1992) buscando entender as flutuações e a seletividade da memória já que "se destacamos essa característica flutuante, mutável, da memória, tanto individual quanto coletiva, devemos lembrar também que na maioria das memórias existem marcos ou pontos relativamente invariantes, imutáveis" (POLLAK, 1992, p.2). A partir daí vale dizer que, por não haver um registro oficial escrito da história da fundação dessa batalha, alguns pontos contados convergiram como outros divergiram.

Não me coloco aqui como narrador, já que as memórias contadas não são de minha propriedade, pois me foram passadas. Em todo momento me coloquei na posição de ouvinte que, com toda atenção e respeito, escuta o griot[[4]](#footnote-4). As aproximações e afastamentos das versões das histórias sobre a roda me deram um material muito rico.

Pollak (1992, p. 4) ressalta que a memória é seletiva, com isso nem tudo fica gravado ou registrado. Acredito que alguns fatos tenham se perdido ou alguns até inibidos, sendo assim traçarei uma linha temporal construindo um diálogo entre as narrativas que tive acesso. No processo de recontar essa história irei me preocupar mais com os grandes fatos do que com os pequenos detalhes, como eventos pequenos que aconteciam na cidade sem grande expressão para a cena como um todo, pois pouco se falou deles e pouco foi registrado na memória daqueles que me cederam seu tempo.

Algo que percebi durante as entrevistas houve uma disputa de memórias, mas não uma disputa pela verdade da história, mas um conflito entre qual memória conseguia capturar o momento decisivo como ponto de partida para a fundação da Roda Cultural Batalha do Tanque. "A memória organizadíssima, que é a memória nacional, constitui um objeto de disputa importante, e são comuns os conflitos para determinar que datas e que acontecimentos vão ser gravados na memória de um povo" (POLLAK, 1992, p. 4).

Toda história tem um início, meio e fim. A história da Batalha do Tanque não tem um fim. A Batalha ainda acontece semanalmente, logo a história aqui tem um início e meio. Vejo que em tudo há um tipo de preparação antes de ser iniciada. Antes de tomar qualquer decisão, de realizar qualquer tarefa há um tempo de maturação do que vai ser feito: seja planejando os passos, aquecendo o corpo ou combinando em conjunto o que será feito. Toda ação é precedida de uma pré-ação, um aquecimento.

Dessa forma, como um caminho busquei entender qual era o cenário antes do surgimento da Batalha do Tanque. Conversei com Diego Dipro, uma pessoa envolvida com a cultura hip hop de São Gonçalo. Dipro já organizou alguns eventos por São Gonçalo antes do surgimento da BDT, além de ser integrante de um grupo conhecido em São Gonçalo, o Prioridade SG. Hoje Diego não tem nenhum tipo de vínculo com o Tanque, porém foi um grande influenciador e articulador em épocas anteriores.

Dipro me ajudou a traçar uma linha do tempo até chegar no ano de fundação da Batalha do Tanque: "Vou te falar a história que aconteceu antes de chegar na Batalha do Tanque. Eu estava lá!". (DIPRO, 2017, entrevista pessoal)[[5]](#footnote-5)

Em 1996 foi fundada em São Gonçalo a primeira escola de graffiti e da cultura hip hop de São Gonçalo e do Rio de Janeiro. Fabio Ema, nome mundialmente conhecido do graffiti, fundou a Associação Sobrados de Arte e cultura (ASAC). A ASAC era, basicamente, uma casa onde havia aulas práticas e teóricas de grafitti, além de reunir outras pessoas que trabalhavam em cima dos outros elementos da Cultura Hip Hop. Dentro desse contexto exposto por Dipro, há o reconhecimento de um dos fundadores da Batalha do Tanque, Luã Gordo.

Em São Gonçalo o nosso maior ponto forte pro início da cultura foi o graffiti. A gente não conhecia o rap, a gente não conhecia o hip hop. A gente conhecia o graffiti. (...) O Funkero começou a fazer break antes de fazer rap. A gente aprendeu o que era cultura hip hop através do graffiti com o grande Ema e com grande Eco. (LUÃ GORDO, 2012)[[6]](#footnote-6)

Nessa época, em 1996, se iniciavam as articulações que, mesmo inconscientemente, nutriram o que podemos perceber hoje não apenas na BDT, mas também em todas as outras rodas espalhadas pelo município de São Gonçalo: uma necessidade de fomentar a cultura urbana. As noções quanto a cultura Hip Hop, já por volta de 2001, não eram tão claras como hoje. A ideologia da cultura estava sendo posta em prática e, também, já era percebida como um campo de disputas como continua sendo.

A maneira de se pensar na cultura Hip Hop como modo de resistência em São Gonçalo já estava dentro do discurso dos agentes promotores da cultura.

Hoje em dia a gente está vendo que a parada é mais forte do que imaginávamos; aqui na área hoje em dia, tem um grupo de vários moleques que nunca imaginávamos que estariam a fim de desenvolver essa história de GRAFFITI, HIP-HOP, vários moleques não tem identificação com a arte, mas tem com a dança, tem com a música entendeu, a gente está aí para mostrar pra essa molecada que tem quatro portas abertas, é só eles escolherem uma e meter as caras. Só que infelizmente eu não sou playboy entendeu, não tenho cursinho, não tenho revista para vender, o que eu posso fazer é pedir apoio a quem tem para bancar. Tem essa galera que está aprendendo e precisa dessa porra, precisa de tinta, pô, o RAPPER não precisa de nada, ele precisa ter a voz, o B-BOY só precisa mexer as pernas, dançar e ter uma cabeça, agora o GRAFFITI precisa da tinta. Então a gente conta com o apoio de terceiros para botar essa história pra frente. (FÁBIO EMA, 2001, sem paginação)

Na ASAC alguns nomes importantes para a cultura hip hop, de uma forma geral, participavam das atividades propostas naquele local. Exemplos como Pluto, Bolinho, Kléo, D+, Mickey que se reuniam para dançar break, Funkero, Don Negrone, Tigrão, Willian du Contra se reuniam pelo rep e os Djs Arrá e Scoob. A Associação fechou em 2003 e Ema se tornou integrante da banda O Rappa onde, durante os shows, ele realizava intervenções com sua arte.

A partir daí, em 2004, a banda Prioridade SG criou o Projeto Geração na Trilha que tinha oficina dos quatro elementos (na ASAC a única oficina oficial era de graffiti, os outros elementos faziam da associação um ponto de encontro) e com isso também o projeto na Trilha das Praças onde os alunos do projeto se apresentavam e levavam seus trabalhos para as praças do município em um carro de som. O projeto teve seu fim em 2007, abrindo espaço para outro evento importante: o Turbilhão Hip Hop.

O Turbilhão Hip Hop aconteceu de 2007 a 2010 e foi uma criação de Dipro, Guetos Crew e Humberto Bulhões. O evento contava com os elementos do hip hop, skate, basket e *le parkour*. Dipro aponta um último evento como antecessor da Batalha do Tanque: "Com o fim do Turbilhão aconteceu o evento Girassol Hip Hop que tinha a batalha da piscina de sangue. Depois do Girassol Hip Hop nós criamos a Roda Cultural de São Gonçalo."

Antes do Tanque, o evento de hip hop mais expressivo do município era o Turbilhão Hip Hop que acontecia apenas uma vez por mês. Com esse vácuo de tempo, jovens se reuniram para formar a Associação Jovem Gonçalense que tinha o objetivo não apenas de fazer eventos direcionados a juventude, mas também discutir políticas públicas voltadas para os jovens.

Inicialmente a ideia era realizar um evento que interferisse de maneira positiva na agenda da cidade. Assim surgiu a ideia de realizarem um evento cultural no dia do meio ambiente. O evento contou com diversas atrações, pois havia uma diversidade de ideias no grupo que convergiam em favor da cultura urbana, por exemplo Bruno Carvalho era ligado ao meio ambiente, segundo Romário ele trabalhava no INEA, por isso a ideia de o evento ser em 23 de setembro de 2011 e contou com a doação de diversas mudas de plantas.

O evento contou com diversas atrações, como dança, exposição de carros antigos, teatro e a batalha de MCs com o tema "meio ambiente".

A Roda do Meio Ambiente não acontecia semanalmente, rolava esporadicamente, por vezes semanas ou meses depois. Com o passar do tempo, se estabeleceu a Roda Cultural de São Gonçalo que tinha dentro da sua programação a Batalha do Tanque.

As batalhas inicialmente aconteciam de maneira despreocupada, sem a intenção de ser uma disputa entre os MCs. O MC Revolução (também conhecido como Grilo), que foi o primeiro campeão da Batalha do Tanque, informou que não havia um campeonato durante a Roda Cultural. Haviam rodas de free onde um desafiava o outro e assim surgiu a ideia de batalharem: tinha batalhas assim, mas não eram torneios. No meio dessas rodas, tinha os desafios, um cutucava o outro e chamava pra batalhar." (MC REVOLUÇÃO, 2017, entrevista pessoal) ((((Comunicação pessoal verbal com o autor em 18 ago. 2017)))) A partir da décima reunião, por volta de novembro de 2011, que aconteceu a primeira batalha de sangue onde os participantes eram os MCs Jeffinho, Logri, Laurinho, Cartola, Geraldino e MC.

A Batalha do Tanque começou como uma reunião mesmo, pra gente se encontrar e querer fazer freestyle, se divertir, se encontrar, porque São Gonçalo é muito carente. Então, quando a gente queria ir em um evento de rap a gente meio que tinha que atravessar a ponte, tinha que vir pro Rio. Então a gente queria se encontrar e tentar, a partir daí buscar formas da gente também, na nossa cidade, poder se encontrar e fazer coisas boas daí. Então sem compromisso nenhum, no primeiro encontro deviam ter umas vinte pessoas e aí, ao passar das semanas, 100, 200, hoje em dia a gente tá há 4 anos lá e a gente atraí 200, 300 pessoas toda semana. (LUÃ GORDO, 2017)

Desde as primeiras batalhas, a potência sempre foi reconhecida, tanto pelos organizadores como pelo público que a cada encontro aumentava. Havia um “boca a boca” que aumentava mais a popularidade da Roda Cultural Batalha do Tanque. O nível técnico dos participantes das batalhas aumentava e surgiu a ideia dos organizadores de realizarem uma edição onde o melhor do ano seria coroado como o “Rei do Tanque”. Não necessariamente o rei seria aquele que ganhasse mais edições durante o ano, mas sim aquele que ganhasse aquela batalha especificamente.

Hoje a Batalha do Tanque tem como “Reis do Tanque” os MCs: Lucas Moura, conhecido como LT, Jhonata Ferreira Sales, o Jhony MC, Rafael Hudson, conhecido como Fael do Catarina ou Kenai e Nicolas Walter.

**Referências**

ALVES, Rôssi. **Rio de Rimas**. - 1. ed - Rio de Janeiro: Aeroplano, 2013.

EMA, Fábio. **Entrevista com Ema no Rio**. RAP Brasil Especial Graffiti, São Paulo, ano 1, n. 2

FONTES, Adriana Sansão. **Amabilidade urbana: marcas das intervenções temporárias na cidade contemporânea** IN:URBS. Revista de Estudios Urbanos

y Ciencias Sociales. Volumen 2, número 1, 2012, páginas 69-93

HALL, Stuart**, Da diáspora: Identidade e mediações culturais**, Org. Liv Sovik; Tradução Adelaine La Guardia Resende ...[et al], - Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasilia: Representação da Unesco no Brasil, 2003

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Festa no pedaço. Cultura popular e lazer na cidade**. São Paulo: Editora Hucitec, 2003.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. Tradução de Monique Augras. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

SOUZA, Larissa Lima de.; MARFETAN, T. B. . **RAP e espaço público na Lapa (RJ): a contribuição da arte pública marginal para a (re)significação dos espaços públicos e a cidadania**. In: XV Encuentro de Geógrafos de América Latina: por una América Latina unida e sustentable, 2015, Habana. Anales del XV Encuentro de Geógrafos de América Latina: por una América Latina unida e sustentable, 2015.Disponível em

<https://www.academia.edu/19753112/RAP\_E\_ESPA%C3%87O\_P%C3%9ABLICO\_NA\_LAPA\_RJ\_A\_CONTRIBUI%C3%87%C3%83O\_DA\_ARTE\_P%C3%9ABLICA\_MARGINAL\_PARA\_A\_RE\_SIGNIFICA%C3%87%C3%83O\_DOS\_ESPA%C3%87OS\_PC3%9ABLICOS\_E\_A\_CIDADANIA> Acesso em 23/08/2017 as 03:45

1. Universidade Federal Fluminense - PPCult [↑](#footnote-ref-1)
2. Dados disponíveis em <http://www.artederuaeresistencia.com.br> Acesso em 15/07/2016 as 22:03 [↑](#footnote-ref-2)
3. Comunicação pessoal verbal com o autor em 18 ago. 2017 [↑](#footnote-ref-3)
4. Os griots, também conhecidos como jali ou jeli (djeli ou djéli na ortografia francesa), são os indivíduos que tinham o compromisso de preservar e transmitir histórias, fatos históricos e os conhecimentos e as canções de seu povo. [↑](#footnote-ref-4)
5. Contato pessoal com o autor em 08 de ago. de 2017 [↑](#footnote-ref-5)
6. Disponível em < https://www.youtube.com/watch?v=znZjiaoUViQ > Acesso em 06/12/2015 as 21:15 [↑](#footnote-ref-6)